

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã* (XLIV) Venturas, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — *A confissão sacramental*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Catholicos e anglicanos*. — SECÇÃO CRITICA: *Graus de ignorancia*, pelo ex.^{mo} sr. José Maria Guerreiro; — *Reflexões*, pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida. — SECÇÃO LITTERARIA: *Sexta-feira Santa* (poesia infantil), pelo ex.^{mo} sr. João P. Mineiro; — *Soneto*, pelo ex.^{mo} sr. P. N.; — *Supplica*, pelo ex.^{mo} sr. A. N.; — *Soneto*, pelo ex.^{mo} sr. A...; — *Amor da Patria*, pelo ex.^{mo} sr. Cha Bambota; — *Soneto*, pelo rev.^{mo} sr. Padre Norte; — *S. Camillo de Lellis* (continuação), pelo ex.^{mo} sr. J. P. Mineiro. — *As lagrimas*, pelo ex.^{mo} sr. Flavio Martins. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Ahias e Jeroboão*; — *S. Vicente de Colibre, martyr*. — SECÇÃO NECROLOGICA. — RETROSPECTO.

Gravuras: *Ahias e Jeroboão*; — *S. Vicente de Colibre, Martyr*.



AHIAS E JEROBOÃO

SECÇÃO DOCTRINAL

Milicia Christã

XLIV

VENTURAS

O MUNDO acaso pensa que os crentes fervorosos, os que oram e trabalham, os que cultivam e guardam a vinha do Senhor, não topam no andar da vida prazer algum e que vão sempre gemendo sob o pezo de temores medonhos, que atropiam a intelligencia e ericam o coração!

Engana-se! O catholico tervente acha venturosas horas de santas alegrias, de paz e calma, como os filhos d'esse mundo louco não tiveram, nem terão jámais.

Teme, é verdade, a justiça de Deus Omnipotente; mas esse justo e santo temor sómente lhe estorva gosar alegrias de brutos ou de demonios, prazeres que acabam por esmagar a consciencia e acabrunhar o coração; como as alegrias do bebado que dança na rua e termina por cair no passeio e quebrar o nariz e quando acorda se vê sujo, a escorrer sangue e escarnecido, pela garotada.

Se os filhos d'esse mundo das trevas sómente acham os seus encantos ali onde a malicia escurece a mente e macula o coração, parecidos são ás crianças que gostam comer coisas azedas, ou beber vinagre; nós não gozamos menos comendo a fresca alface e bebendo do bom vinho.

As candidas alegrias innocentes são auras matutinas, que, sem perturbarem a razão, refrescam a phantasia, e, sem fascinarem os sentidos, embalam doce-mente o coração.

Todos, com saudade, se lembram das encantadoras alegrias da bella infancia, fluentes, como as aguas crystalinas, lindas como as flores, transparentes como o ether, nobres como a candura, perfumadas e bellas como a mais risonha primavera.

Os catholicos gosamos mais, e melhor, que outro alguem.

Se passeamos no valle, na floresta, pela encosta ou nas altas serranias, plantas, flores e mineraes recreiam-nos mais; porque tudo vemos como precioso e delicado mimo do pae, que mais amamos, e da formosura, que admiramos mais.

Se estivermos nas horas de descanso no doce convivio dos nossos bons amigos, que, como nós, pensam e o que amamos, amam, sentimos o perfume da amizade santa, que o mutuo bem vae buscando; que a ninguem offende, de ninguem murmura.

Desconhece o odio e amor sómente respira.

Se escrevemos, desejamos apenas levar a luz á mente e as alegrias ao coração dos nossos irmãos, e, como o pensamento é nobre, gozamos na sua realisação.

Se erguemos a Deus as nossas preces, fallamos com o pae mais nobre, mais rico, mais poderoso e terno, e o doce amor filial, que nos move os labios, suavemente nos recreia, como que esquecido ao bafejar d'um outro amor santo, paternal, divino.

Se nos sentamos á mesa, a contemplamos mais mimosa; porque o que sobre ella vemos, o temos como um mimo do nosso pae generoso, providente e santo.

Se buscamos no leito horas de descanso reparador é-nos mais risonho, que aos pobres nossos irmãos não crentes; porque a elles lhes apparece como o sepulcro do criminoso coberto d'ortigas, cardos e silvas, em noite tenebrosa, saudado, apenas, pelas corujas e calcado por animalejos immundos. A nós, porém, sorri-nos semeado de goivos, cercado de violetas, orvalhado por lagrimas saudosas e guardado por um anjo.

Se o dia alvorece, o gallo canta, a avesinha pia, o cordeirinho bala, o sino toca e fumega a lareira, os melros cantam e os christãos oram, isto, que para todos é bello, para nós é verdadeiramente encantador como ode amorosa, que as creaturas com espontanea gratidão erguem ao creador.

E' a nossa fé luz na mente, esperança no coração, e por isso principio efficiente das mais suaves, mais bellas e transcendentas alegrias.

Os que militamos na milicia christã luctamos pela justiça e pela verdade, e nos sorri a consoladora esperança de uma ventura eterna depois da victoria.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

A confissão sacramental

CONSIDERADO o estado da natureza humana, só Deus podia instituir uma obra de tanta significação, valor e importancia; ou mais correctamente fallando, uma obra de absoluta necessidade. E' o sacramento da Penitencia.

Instituido por Jesus Christo, este sacramento é o elemento indispensavel á felicidade do homem. E uma obra tão sublime, que revela a omnipotencia e sabedoria infinita d'um Deus, é cheia de maravilhas immensas. Um philosopho christão não deixa de as contemplar com assombro.

Depois de perdida a innocencia, só pôde substituil-a o arrependimento da culpa; mas o arrependimento sem a confissão é impossivel. E', pois, a confissão uma parte, e parte essencial, do sacramento da Penitencia.

A confissão deve andar junta á contrição ou dôr de haver peccado, e á resolução de não tornar a peccar e de satisfazer a Deus e ao proximo.

E' tão necessaria a confissão, que sem ella, «em regra», ou sem o seu voto, «em certos casos», de nada vale a contrição, a qual, todavia, é indispensavel no sacramento da Penitencia. São duas coisas intimamente ligadas.

Ainda que a contrição perfeita só de per si reconcilie o peccador com Deus, é necessario que inclua o proposito de se confessar a seu tempo, dado o caso actual de impossibilidade.

Os principios, que ficam enunciados nos periodos antecedentes, são incontestaveis na theologia catholica: são a doutrina da Igreja.

A confissão de peccados fallando em geral, não é coisa nova na lei evangelica; os judeus o faziam com a maior individuação, como se pode demonstrar pela Escripura Sagrada. Jesus Christo, porém, elevou esse acto á dignidade de Sacramento.

O Concilio de Trento, a este respeito, diz o seguinte na sess. 14, capitulo 5:

«A Igreja universal sempre entendeu que o Senhor instituiu a inteira confissão de peccados, e que esta por direito divino é necessaria a todos os que peccaram depois do baptismo; porque Nosso Senhor Jesus Christo, subindo da terra aos ceus, deixou os sacerdotes, seus vigarios, como juizes a quem fossem deferidos todos os peccados em que os fieis cahissem: e os sacerdotes, pelo poder das chaves, pronunciassem a sentença de remissão ou retenção de peccados.

«E', pois, claro que os sacerdotes não podem exercer este juizo e pronunciar sentença em causa desconhecida nem guardar a devida equidade na imposição das penas, se os penitentes só os accusarem em geral de seus peccados e não os declararem em especie e singularmente.

«D'aqui se collige ser necessario que os penitentes refiram na confissão todos os peccados mortaes de que se recordarem depois d'um diligente exame, ainda que sejam os mais occultos e tão sómente contra os dois ultimos preceitos do decalogo que algumas vezes ferem mais gravemente a alma do que os manifestamente commettidos.»

Até aqui textualmente o sacrosanto Concilio de Trento.

E continua dizendo que todos os peccados mortaes manifestos e occul-

tos, por obras, palavras, pensamentos e desejos, fazem os homens filhos da ira e inimigos de Deus; e porisso devem os peccadores procurar o perdão na clara e humilde confissão, expondo os peccados ao ministro da Igreja, porque este, como medico, não cura as enfermidades que se lhe occultam.

Emfim o penitente deve declarar todas as circunstancias que são necessarias para a integridade da confissão e pleno conhecimento do crime e imposição da pena conveniente e proporcionada.

Supposta esta doutrina que para os catholicos é ponto de fé, e que por isso está fóra de toda a discussão, nem é meu proposito aqui demonstrar a theologicamente, admiremos o divino plano na instituição do sacramento da Penitencia e da confissão auricular, segundo preceitua a Igreja. E' por este meio que se forma a grande sociedade christã.

O entendimento humano jámais poderia inventar, ou ainda lembrar, um semelhante meio tão proprio e conducente a formar uma sociedade em união a mais ligada, estreita e apertada.

A communhão do corpo verdadeiro de Jesus Christo é o complemento d'esta união; mas a confissão é o meio necessario para a conseguir. Prescindindo agora da Communhão, limitemos as nossas reflexões ao Sacramento da Penitencia e á Confissão auricular ou secreta, ordenada pela Igreja.

O dogma do sacramento é de instituição divina, e a Igreja sempre o professor. Desde o principio do christianismo começou a praticar-se a confissão de peccados, ou publica ou particular, e os fieis christãos, por muito tempo, cumpriram esse dever com frequencia.

Esfriando este zelo, foi necessario que a Igreja impozesse a observancia da confissão. Foi no 4.º concilio de Latrão, celebrado em 1215, no tempo de Innocencio III, que a Igreja ordenou que o christão se confessasse *ao menos uma vez cada anno*.

Notem-se as palavras — *ao menos uma vez cada anno* —; porquanto a Igreja deseja e recommenda a *confissão frequente*, bem como a communhão de que não tratamos agora. Mas da que seja *ao menos uma vez*, mas quer que seja *mutas vezes*. (E em alguns casos assim é necessario).

A confissão é um freio necessario para reprimir as paixões; é uma fonte perenne de sabios conselhos; é uma doce consolação para as almas afflictas; é a saude das almas; é a destruição dos vicios; é a restauradora das virtudes; é a vencedora dos demónios; é a chave das portas do ceu.

E, sendo isto assim, como realmente é, qual será o verdadeiro christão, conscio do seu dever, que abandone e despreze a confissão, o unico meio de se reconciliar com Deus, ou de se unir mais intimamente com Elle?

E, comtudo, vemos uma geral repugnancia em procurar este sacramento, um formal desprezo...

Sim, *desprezo*, porque boa parte dos christãos dos nossos dias consideram o preceito da confissão como um dever de politica, como uma formalidade externa, como uma coisa desnecessaria e inutil, e ainda talvez peor do que isto.

Eu não me refiro propriamente aos incredulos, *quorum infinitus est numerus*, que blasphemam das coisas religiosas. Fallo de muitos e muitos que se presam de bons christãos, e que o parecem ser em outros respeito, mas que abandonam inteiramente a frequencia da confissão, e apenas se confessam uma vez cada anno, e com muita difficuldade.

E' uma desgraça, uma grande desgraça! Uma tal repugnancia e negação é incomprehensivel.

Pessoas ha, e em grande numero, que frequentam as igrejas, procurando ouvir missa até nos dias em que se não dá preceito, assistindo aos sermões, novenas e outros actos religiosos; que fazem parte de irmandades; que exercem em grande escala a virtude da caridade; que são humildes; que são bem morigeradas, etc. Mas procurar a confissão, é o que se não vê. Apenas uma vez cada anno é que se confessam!

E' inexplicavel, incomprehensivel, repito, uma tal repugnancia. Mas não ha coisa mais certa.

E tambem não é menos certo que a maior parte dos christãos se condemnaram por não fazerem as confissões bem feitas, porque é o acto mais difficil. Isto acontece com os mesmos que recorrem frequentes vezes ao sacramento da confissão.

E' muito difficil, torno a dizer. E eis ahí a razão porque a mystica Doutor, Santa Thereza de Jesus, escrevia a um prégador:

«Padre, deveis prégar muitas vezes contra as confissões mal feitas, porque o demonio não tem outro laço em que tantas almas colha como no das confissões nullas e sacrilegas.»

Não ha duvida nenhuma. O maior numero de christãos se perde, não tanto pelo mal que vivem, como pelo mal que se confessam.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Catholicos e anglicanos

COMO se previa, o manifesto dos arcebispos protestantes de Cantuaria e de York, que está longe de ser uma resposta á Bulla em que o Santo Padre declara não validas as ordens anglicanas, não esperou muito pela refutação. Foi o Cardeal Vaughan que se encarregou de esclarecer e reduzir a nada os sophismas aos seus prelados anglicanos n'um magnifico sermão prégado na igreja de S. João de Jerusalem, em Londres.

O argumento principal que Sua Emi-nencia apresentou é d'uma vigorosa logica.

Os anglicanos, diz Mons. Vaughan, não reconhecem o sacrificio da missa, a Eucharistia, a Transubstanciação que admitem, ao contrario, as Igrejas orientaes. «Eis um ponto que se refere, não a alguns sabios, mas a todas as almas christãs. Aqui está a raiz e o centro da controversia para as ordens anglicanas. Aqui está a razão da não validade da ordenação anglicana, que voluntariamente rejeitou toda a allusão ao Sacrificio do altar, antes que os reformadores banissem os altares da Igreja, e excluíssem toda a menção d'um sacrificio dos seus oratorios. Eis a verdadeira explicação da derrota que soffreu o bispo de Salisbury, quando esteve muito doente, ha alguns annos, e quiz fazer reconhecer a validade das ordens anglicanas pela pequena comunidade jansenista da Hollanda, e que o tornou celebre...»

«Eu vou agora provar e dissipar a confusão a que me referi no principio. Se a proposta apresentada pelos arcebispos anglicanos tem alguma significação, ella quer dizer que as ordens da Igreja anglicana são identicas ás da Igreja romana ou das Igrejas do Oriente, ou, segundo a expressão do predecessor do arcebispo de Cantuaria, na origem, na continuação, na materia, na fórma, na intenção, n'uma palavra em tudo o que lhes pertence, ellas são identicas ás da Igreja romana. E' evidente, por conseguinte, que os arcebispos entendem reivindicar para o sacerdocio anglicano todos os poderes que reclama o sacerdocio das Igrejas do Occidente e do Oriente.

Ora, é n'isto que está a confusão. E' verda e que elles reivindicam estes poderes? Reivindicam o poder de produzir o corpo vivo de Jesus Christo pela transubstanciação no altar, como o reivindicam os Padres das Igrejas do Oriente e do Occidente? Mas tenho visto, segundo a definição dada pelos arcebispos ao sacrificio eucharistico anglicano, que este sacrificio é uma

coisa essencialmente differente do sacrificio proclamado e definido pelos Concilios de Trento e de Jerusalem, Concilio realisado em 1673 pelos Bispos da Igreja grega schismatica. Segundo os arcebispos anglicanos, o sacerdocio anglicano não reivindica poderes sacrificatorios sobrenaturaes ou miraculosos, taes como aquelles que são exercidos pelo sacerdote das Igrejas do Oriente e do Occidente. Assim pois, pela sua propria confissão, o sacerdocio anglicano differe do sacerdocio romano ou grego na mesma forma como o seu sacrificio differe do nosso. N'estas circumstancias, não posso comprehender porque elles se queixam da sentença do Papa, que resolveu fazer o seu juizo collocando-se no ponto da doutrina catholica, e que quando falla do sacerdocio, falla necessariamente no sentido catholico. Sem duvida a situação actual mudar-se-ia consideravelmente, se os arcebispos anglicanos tivessem apresentado a doutrina do sacrificio, tal como ella é dada na citação do Concilio de Jerusalem, como sendo a verdadeira fé christã professada por elles mesmos, pelos seus suffraganeos e pelos membros da Igreja estabelecida.

Estariam então em harmonia com a communhão romana, a communhão grega e a communhão russa sobre a doutrina da missa. Mas a sua definição de um sacrificio eucharistico exclue toda a ideia do sacrificio objectivo de Jesus Christo no altar, de Jesus Christo ás vezes divina Victimia e Padre da missa. Se pois não podem acceitar o ensinamento sobre o sacrificio Eucharistico commum no Oriente e no Occidente, que direito teem de se queixar, ao recusar-se reconhecer a posse de poderes sacerdotaes que elles proprios não pretendem possuir? E' impossivel responder a isto.

SECÇÃO CRITICA

Graus de ignorancia

Mera fé, ignorancia crassa e ignorancia mixta

MERA fé dá-se nas crianças recém-nascidas, que á proporção que vão crescendo, robustecendo o corpo e a alma, a pouco a pouco vão tendo conhecimento do que as mães lhes vão ensinando, já com a palavra, já com o exemplo. Por isso mesmo que a mãe é o anjo tutelar, a mensageira do futuro e a primeira mestra de seus filhos.

Muito mal caminham os da seita negra ao pretenderem estrangular a missão sagrada das mães para formarem o

coração e o espirito de seus filhos, ensinando-lhes a religião de Christo. Todavia não conseguem o seu fim.

Ignorancia crassa ou plena dá-se na creatura humana, que para ella ha um mundo desconhecido... é o mundo das letras. E' as trevas da ignorancia... e de que goso não está tal creatura privada?! Mas... para que essa luz não seja a perdição da alma, é necessario que seja modelada e aconselhada pela virtude, recta razão e intima consciencia. Leitor sensato, vêde o estado a que os illustrados á moderna teem levado a sociedade... A desmoralisação campêa infrene!

Sucedem-se as reformas umas ás outras, nas quaes mentem quando dizem que querem a instrucção do povo. As premissas de taes reformas são falsas na forma e falsas na materia.

Quem pretende que o povo seja instruido não deixa zazer na fome e na miseria o obreiro por excellencia.

Taes factos são incontrouersos.

Se ainda não ha um anno lhe augmentaram uns magros tostões, não tardará lh'os cerceiam como costumam, porque foram dados de má vontade... e mais se prova com a determinação da lei, que quando forem aposentados, esses tostões ficam quasi reduzidos a zero. Que lastima!

Mas não admira que assim procedam, porque são os illustrados á moderna, que pertencendo á seita negra, pretendem estrangular a religião do Martyr do Golgotha, diffundido na sociedade e nas familias as suas preversas doutrinas. Vêde os *Mysterios da Franc-Maçonaria* por Leo Taxil, que, pertencendo a essa infernal seita, horrorisado, sahio d'ella e ahí está publicando os seus horripilantes mysterios. Vão muito mal os taes illustrados!... A sua queda é inevitavel.

Napoleão I dizia, que assim como havia um Rei no Ceu, elle havia de ser um rei na terra. Tendo sempre a seu lado um seu parente, dizia-lhe este: «Parente, não fira a religião de Christo; logo que a fira será a sua queda e a sua morte.» Assim succedeu!

Existia ainda o mesmo parente em tempo de Napoleão III, tambem ao lado d'este, quando em guerra com os franco-prussianos. Dizia aquelle: «Parente, não fira a religião de Christo, retirando a guarda de Sua Santidade, porque se a retirar, a sua queda e a sua morte é inevitavel, como succedeu ao nosso parente Napoleão III.» Assim aconteceu... Este facto foi do dominio de nossos contemporaneos. Vejam-se n'este espelho os illustrados á moderna. Apossando-se o governo de Italia dos Estados Pontificios fizeram de Roma a sua capital, que tanto almejavam. Assim roubaram a Sua Santida-

de Pio IX o que legitimamente lhe pertencia. Mas a Providencia Divina não desamparou Pio IX, como não desampara Leão XIII, como não desamparará os Pontifices que Lhes sobreviverem. Estas verdades ninguem as pode contestar. E se o pretenderem, venham á arena... apresentar-lhe hemos maior numero de exemplos incontrouersos.

Ninguem ignora que são os maçoas e pedreiros livres os perseguidores do Papado e tudo quanto diz respeito á religião de Christo... pois que tanto tem soffrido.

Bem o disse o Salvador do mundo no sermão da Montanha: «Bemaventurados os que soffrem, porque d'elles é o reino dos Ceus.» Reatemos o assumpto:

Dá-se a ignorancia mixta no homem por mais sabio que seja.

Socrates dizia: «Apenas só sei dizer uma coisa:—que não sei nada.»

Qualquer individuo que finda um curso n'uma escola ou universidade, obtem um emprego relativo ás disciplinas de que ficou approvado. E pode elle profundal-as se as não estudar toda a sua vida? E ainda assim deixará elle de ter ignorancia mixta? Impossivel. O naturalista de dia para dia está descobrindo novos seres para elle não co-nhecidos... portanto deixará elle de ter ignorancia mixta? Impossivel.

Diga o astrónomo, que não terá elle que estudar na abobada celeste, n'essa infinidade de phenomenos de que está recamada? Deixará elle de ter ignorancia mixta? Impossivel.

Como poderá o medico investigar as causas internas do corpo humano para as debelar? Era necessario, se possivel fosse, que em cada cabeça dos dedos da mão direita tivesse um olho, e mettesse a mão na bocca para vêr os intestinos; ainda assim não os poderia vêr bem, porque uns tapavam os outros e não poderia espreitar as causas das molestias para as debelar.

Já se vê, pois, quanta ignorancia tem o medico. Por conclusão diremos que a ignorancia mixta dá-se no homem por mais sabio que seja.

JOSÉ MARIA GUERREIRO.

Reflexões!

A HISTORIA geral não refere um incidente como se dá no presente estado do extremo oriental da Europa.

As ditas grandes potencias europeas accordam-se em regular a questão Creto-Grega, depois de ter corrido muito sangue de christãos, e da Turquia ter provado mais uma vez a sua



S. VICENTE DE COLIBRE, MARTYR

impotencia para dar execução a reformas que lhe foram impostas pelo congresso de 1878 e conferencia de 1880, de Berlim.

As ditas grandes potencias estão mostrando-se como grandes amigas da Turquia, mas o que apparenta tal amizade é o encontro de pretensões a respeito de Constantinopla pela posse ou pela influencia dominante, seja nossa ou a nós sujeita.

Como interesse catholico, visto como se está portando em face da Egreja de Deus o grão-sultão turco e seu governo, será mais accetavel o *statu quo* a tal respeito, do que Constantinopla dominada pelo scisma, pelo protestantismo ou pelo liberalismo.

As mesmas potencias apresentam-se em colligados estorços todos diligentes por motivos temporaes e nenhuma dominada de modo a fazer interessar os que se dedicam a fazer triumphar a causa de Deus. *De inter-nis solus Deus!*

E' horroroso o que os christãos

têm padecido, pessoal e fazendeiramente, durante os acontecimentos actuaes no extremo oriente da Europa! E demorada excepcionalmente tem sido uma tal situação, que é de vergonha para a Europa, que se diz civilisada.

Gladstone publicou ou acaba de publicar um opusculo, no qual critica o modo como tem sido tratada a questão Turco-Creto-Grega, reprovando a lentidão com que se tem procedido a ponto de lembrar o que resolveu o governo britannico, quando se deu a questão Bulgara; resolveu então o gabinete inglez fazer occupar por forças inglezas um ponto do imperio turco, e conhecida que foi esta resolução apresaram-se as cousas e não menos por parte da Turquia, e a questão foi resolvida.

A diplomacia no modernismo é a espada; e os diplomaticos estão reduzidos no modernismo a uns officiaes publicos que reduzem a escripto aquillo que já se acha tratado pelas armas, como dizia lha tempos o velho diplo-

matico austriaco e meu amigo conde Gozze, homem de memoria mui respeitavel.

Creta autonoma ou Creta annexada, não será um grande peso na balança, se algum peso é onde se devem pesar os verdadeiros interesses da Europa e da Sociedade; é certo porém que as pequenas nações têm muita importancia quando são tratadas negociações entre as nações grandes, e aquellas possuem circumstancias de localidade que lhes dão muita valia relativa.

Por exemplo: o Egypto é um pequeno Estado, que nem reino é, mas sim vice-reino e suzerano da Turquia, porém sua posição geographica dá-lhe uma importancia politica, para as relações politico-diplomaticas da Europa, de primeira ordem, e attenda-se ao que vae por causa da occupação ingleza do Egypto, que os interesses inglezes difficilmente farão cessar, e antes procurarão regular por compensações, e estas especialmente feitas aos

povos mediterraneos; á Russia cortando o dique do Mar Negro; á Alemanha e á Austria-Hungria pelos Balkans; o congresso de Vienna em 1815 decidiu cousas não mais esperadas ou de surpresa e de espanto!

Passa-se e passar-se-ha tudo isto e a Igreja de Deus expectante!

O Papa na sua sapientissima reserva e da altura do seu poder, vendo como tudo aquillo corre e como poderia correr se os governos o buscassem!

Os governos estão penetrados de soberba e a soberba cega.

Reflexionando sobre o que se tem passado e vai passando na questão Creto-Grecia, descobre-se que as grandes potencias buscam actualmente acomodar e não resolver aquella questão, como de algum modo foi já enunciado por voz official; a decisão definitiva como a de outras questões está reservada para a guerra ou para depois da guerra, cujo apparecimento é questão de mais anno menos anno; a Europa não póde ter prolongada uma situação que a define para sustentar uma paz armada gigantesca!

A guerra é um flagello, e quem ousará impetral-a? Mas é certo tambem que a guerra tem feito magnas correções, e de magna correção ha mister a sociedade, com certeza não menos pela sua indocilidade. Onde está o sentimento humilde, está o sentimento docil; a sociedade moderna é um monstro de soberba, logo não tem docilidade, não a póde ter.

Desenganem-se os homens que andam enganados: só a doutrina de Deus os póde felicitar!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

SECÇÃO LITTERARIA

Sexta-feira Santa (1)

(POESIA INFANTIL)

*Encantos infndos
Que noites, que dias!...
Da vida dos campos
Loucas alegrias.*

Florinha mimosa,
Oh! pallida flôr,
De Nosso Senhor
Imagem querida!

A Virgem Maria,
Amava-me... sim...
Bom como ao jasmim,
Ao lyrio, á cecém.

(1) Baseada n'uma lenda popular d'alguns povos do Oriente, segundo Mery.

*
Amei sempre o Creador
E nas manhãs orvalhadas
Minhas pét'las rociadas
Do matutino frescor
Davam graças. Bemdizia
O Deus que me dava a vida;
E nunca fui esquecida,
Não! do filho de Maria.

Perdeste esse brilho
Que na madrugada
Gentil, perfumada
Te animava á vida.

Tua côr tão bella
Parece de lucto
E pranto vestuto
Deixas perceber.

A haste delgada
Tenrinha, dolente,
Te ostenta gemente
E vai fenezer.

Mas que! . . se a traição
D'um Judas perverso
Enche o universo
Do magno terror!

A lua chorou...
A terra tremeu!...
Escurece o ceo.
E morre o Senhor...

—Eu era alegre; viçosa
Vivi contente, feliz;
O meu dom era o matiz
A fragancia olorosa.

O riso para jantar
Dava-me um lugar á meza;
N'uma jarra japoneza
Ia o meu pé mergulhar.

*
Momentos felizes
Que eu então passei
Entra a multa grel
Dos cravos e lizes

A noite suave,
O luar brilhante,
A cada instante
O trino d'uma ave.

Mas todo o meu bem
Findou n'este dia
P'la longa agonía
Dos montes d'alem.

O sol, bom amigo,
Nos dias serenos,
Reflexos amenos
Me dava tambem.

Da manhã vi-o passar
Entre a multidão ruidosa,
Christo olhou a pobre rosa
E tentou sorrir!
O sorriso era sereno
Sorriso do Nazareno.

Judas vacillou d'horror!...
Mas oh! quando quiz fugir
Viu deante a refulgir
Uma bolsa com dinheiro.

E mais tarde um povo intelto
Maldisse o grande traidor.»

*
A flôr conluida,
Sensível, chorosa,
A Virgem saudosa
Tentou consolar.

A Virgem Maria
Tão cheia de dôr,
A pallida flôr
Quiz balbuciar:

—«Florinha mimosa
Oh! pallida flôr
De Nosso Senhor
Imagem querida.

Perdeste esse brilho
Que na madrugada
Gentil, perfumada
Te animava a vida.»

*
E poucos instantes
Viveu essa flôr
E foi do Senhor
Ser a companhia.

E n'uma das folhas
Tão assetinada
Se via enleada
Uma lagrima fria.

JOÃO P. MINEIRO.

SONETO

(TRADUÇÃO)

Não me move, meu Deus, para querer-Te.
O Ceo que me Tens prometido,
Nem me move o inferno tão temido,
Para deixar por isso de offender-Te:

Tu me moves, Senhor, move-me o ver-Te
Pregado n'uma cruz e escarnecido;
Move-me o ver Teu corpo tão ferido,
Move-me Tuas affrontas e tua morte.

Move-me, enfim, o Teu amor e de tal maneira
Que, ainda que não houvera Ceo, eu Te amara
Ainda que não houvera inferno, Te temera.

Não Tens que me dar porque Te queira,
Pois que, se quanto espero não esperára
O mesmo que Te quero Te quizera.

P. N.

SUPPLICA

No meio d'uma estrada, á luz do sol poente
Envolto em roseo véo.

Uma creança assim dizia, tristemente,
Erguendo as mãos ao Céu:

«Oh pombas! que voaes nas amplidões distantes,
N'essa amplidão sem fim,

Oh pombas! desdobrai as azas triumphantes!
Pouzai-as sobre mim!

Levai-me pelo Azul, unida á vossa aza,
Que eu vivo sem ninguém:

O incendio devorou a minha pobre casa,
Não tenho pae, nem mãe. . .»

E as pombas virginaes, subito, ouvindo aquillo,
Archanjos do Senhor,

Levaram a creança e deram-lhe um asylo
N'esse pombal de amor. . .

A. N.

SONETO

Graças aos ceos, que estou d'Amor liberto
Graças aos ceos, que já mudei do sorte,
Quebrei dos pulsos meus o grilhão forte,
Já roxo sangue dos vergões não verto:

Da paz o rosto vejo descoberto,
Por amor já não ando exposto á morte,
Procurei da razão seguro norte,
Graças aos ceos, que estou d'Amor liberto:

No lugar em que ardía ateado lume,
Sinto montões de neve congelados,
Custa a mudar, mas vence-se o costume:

Não perco noites, como bons bocados,
Livrei-me da galé do vil ciume,
Onde os Tafues são miseros forçados.

A. . .

O amor é cego, só vé
Aquelle por quem delira. . .
O tempo, — grandes oculista —
As cataratas lhe tira.

V. . .

Amor da Patria

Amigo, patria, amor. . . são meros palavrões;
Esse amor está murcho. . . em gelidos frontões!
Ninguem o estima já. Foi moda, mas antiga;
O amor da patria d'hoje. . . é estomago, é barriga.

CHA BAMBOTA.

SONETO

Passar algumas horas a ler
E' meu doce divertimento;
Faz-me um prazer o escrever,
E não um aborrecimento!

Perco o gosto da satyra;
O elogiar malignamente,
Cedo ao segredo de poder
Luzer verdades cortezmente.

Vivo affastado d'amigos
Sem fama e sem abundancia,
Contente com o vulgar festim.

Gosto da virtude sem rudeza,
Gosto do prazer sem molleza,
Amo a vida e não temo o fim.

PADRE NORTE.

S. Camillo de Lellis

II

(Continuação)

O SOBERBO castello de Carvalhães, memoria dos seculos XIV e XV, domina extensas campinas, formosos valles; a sua torre ogival é defendida por largos fossos, protegendo a inexpugnavel muralha grandes reductos. E' a habitação que durante o espaço de quatro seculos tem servido aos senhores do mesmo nome, essa grande familia dos poderosos e valentes de Carvalhães. Infelizmente o actual senhor do castello tinha, tanto este como os demais vinculos hypothecados a grandes dividas contrahidas por seu fallecido pae, e algumas por elle mesmo, devidas essas hypothecas e onerações á inaptidão do seu mordomo, que á frente de centenas d'operarios, pessimamente os dirigia nos diferentes ramos da agricultura.

E' n'uma risonha tarde de julho. O céo limpo de nuvens; as campinas verdejantes e os prados semeados caprichosamente de flores; as longas searas, impulsionadas pela branda aragem, ondulam levemente, mergulhando as loiras espigas com suavidade e encanto. Os passarinhos atroam os ares com essa chilreada indolente e mystica que os entontece e enleva, proporcionando-nos rithmos muzicaes tão sympathicos e attrahentes, que seria difficil fazel-os reproduzir nas cordas do violino, harpa e mais instrumentos divinos. As variadas melodias, reproduzidas pela habilidade de cantores tão modestos, attingem a impossibilidade de serem imitadas pelos homens.

Na sala de pintura do palacio, cujas janellas amplas e rasgadas deitam para encantadoras paisagens do valle, encontravam-se duas mulheres idosas, e uma encantadora e angelica creança, que contava apenas dezoito primaveras gentis, pittorescas e sorridentes como o orvalho matutino que vinha beijar as mimosas pétalas dos arbustos

do jardim perfumado. As duas anciãs, sentadas em antiquissimas *chaise-longues*, conversavam baixinho. . . tão baixo, que nenhuma palavra se podia distinguir da sua palestra que, todavia, tinha por unico assumpto a festa de S. Camillo, cuja celebração se effectuava no mez futuro e proximo. A joven castellã lançava a ultimo pincellada a um quadro pendente do cavallette, copia da Annunciação do immortal Raphael, e após um rapido exame á sua obra, voltou-se para as matronas, dizendo com sorriso angelico e verdadeiro encanto:

—Prompto! Podem vir analysar o meu trabalho, mas previno-as antecipadamente de que não tolerarei quaesquer elogios que tentem dirigir-me, pois conheço muito bem a insufficiencia da minha obra.

Ambas se aproximaram do cavallette, admirando a perfeição da Virgem, com um sorriso ineffavel e celestial nos labios, o manto artisticamente lançado, as variegadas côres, emfim todos os realces do quadro; e, apesar da prevenção da joven, não se fartavam de a applaudir e incitar na senda de tão difficil arte, terminando por beijal-a e abraçal-a effusivamente.

—Muito bem! Izabelinha, muito bem! E's uma artista consummada. . ., disse uma das anciãs. Nas tuas obras, ha amor, poesia e encanto. . .

—O quadro, segundou a outra, deve render vinte mil reis pelo menos, e caso não offereçam esta quantia, dalabei eu para a possuir a sala nobre do castello.

A donzella calou-se; baixou os olhos, muada, e foi passados alguns instantes que pôde responder modestamente:

—E' o que pensam do quadro?

—E'

—Mas não o deviam apresentar. . .

—?!

—Preveni-as antes.

—Mas como havemos de calar-nos perante obra tão sublime?

—Assim despertam-me a vaidade! E ajuntou como que fallando comsigo:

—Sou tão vaidosa!

—Cala te, tontinha. Não queiras diminuir o merito do teu trabalho, porque. . .

—Exageram o valor da obra, querendo talvez levantar-me mais aos olhos de meu pae, que tanto se compraz com todos os meus triumphos! Verão como elle a encarece mais ainda, e lhe aponta merecimentos que está longe de possuir. Oh! longe, muito longe. . .

A porta da sala abriu-se e a ella appareceu a risonha e senil figura do morgado, que ouvindo as ultimas palavras d'esta rapida conversação, disse sorrindo:

—Pois bem; para que me não apo-

des de injusto apreciador dos teus trabalhos, nada me ouvirás dizer sobre este, limitando-me apenas a declarar-te que o quadro, caso o colloques na *kermesse* como has dito, virá, seja por que preço fôr, occupar um logar que lhe reservo ha muito.

—Mas, meu pae, interpellou a joven Isabel, o seu amor paternal cega-o, querendo convencer-o de preciosidades raras, existentes no quadro, quando qualquer artista, imparcial, o reprovaria desde o fundo azul-escuro, aos altos relevos que tão desastrosamente consegui delinear.

—Sim, sim, tudo isso será verdade, mas para mim, telas de Murillo, Valdéz e outros, nenhum apreço merecem, comparadas com a que temos á vista, e que acabaste de reproduzir.

—Mas bem vê que eu apenas copiei; a ideia não é minha!

—Mas é o gosto com que traduziste. Muitas vezes, temos mais assumpto para admirar n'uma traducção, do que no original. O auctor escreve os pensamentos como elles lhe acodem na occasião em que escreve, o traductor, primeiro que ponha em lingua vernacula a obra d'outrem, tem de se incarnar no espirito d'esse alguém que muitas vezes não conhece, e torna-se quasi um outro *elle*. Aqui, dá se o mesmo caso.

—Ora! disse a joven.

—Tal qual, viste a obra do mestre, e excedeste-a como discipula. Este thesouro é impagavel!

—Se o papá lhe dá esse valor, em que falla, quasi ninguem se incommodará a lançar-lhe uns magros vintens, para a sua acquisição. Decididamente, mudo de ideia, conservo a obra, e dou outra offerenda ao Santo.

—Isso nunca!

—Porque?

—Porque é esperada a apparição do quadro, no logar que lhe pertence. Já o declarei peremptoriamente.

—Visto isso, irá. Não por minha vontade, mas para satisfazer-lhe os desejos.

A conversação continuou largamente sobre o assumpto. Diremos, antes de mais nada, alguma coisa sobre os personagens que apresentamos.

O morgado Albano Alypio Souza Martins de Carvalhães, coronel reformado, era senhor de muitas quintas, montes, azenhas e mattas, mas onerado tudo, como já dissemos. Difficilmente conseguia vencer as despezas quotidianas da casa. Pelo que respeita á sua pessoa, pouco ha a dizer; era o que vulgarmente são todos os homens de 70 annos; de porte digno, estatura regular, e com uma espessa barba grisalha a ennobrecer-lhe o rosto. Notava-se-lhe uma unica deformidade na face

esquerda, uma profunda cicatriz produzida por um yatagan no campo da batalha, d'onde saíra salvo milagrosamente.

Isto quanto ao physico, pois moralmente fallando, era tal como suas irmãs.

As duas senhoras, irmãs do snr. de Carvalhães, já tambem adeantadas em annos, passavam a vida n'essa simplicidade e descango proprios da velhice. Ouviam missa todos os dias; rezavam todas as noites o terço á Virgem, juntamente com os creados, que se reuniam na capella do castello, ao toque d'uma pequena sineta; davam as esmolas que podiam, espalhavam pelas vizinhanças a caridade e consolações, occupando-se no pouco tempo que lhes sobejava em semear os corações de suas sobrinhas de todas as virtudes terrestres.

A mais velha, Izábel, a Izabelinha, como lhe chamavam, era um anjo. Na sua candida alma, apenas havia duas occupações continuas:—amar a Deus em primeiro lugar, e fazer, quanto possível, para que seu pae não invocasse a memoria da querida esposa, fallecida sete annos antes. O lucto passou, e as caricias e meiguices das filhas enbriavam o venerando ancião, que ante taes prodigalidades esquecia momentaneamente as suas dôres.

Bertha, a mais nova das irmãs, contava apenas doze annos; meiga, intelligente e esbelta, completava com a irmã todas as ambições do fidalgo, que as comparava muitas vezes ás imagens da egreja.

Uma, era um anjo; a outra recordava um seraphim.

*
* *

Discussindo largamente o valor do quadro, e depois do snr. de Carvalhaes affirmar bastantes vezes que tão precioso thesouro viria a occupar um logar condigno no castello, dispunha-se a sair, quando o seu creado particular e intimo confidente, entrando na sala, lhe apresentou uma salva de prata, simples e modesta.

—Snr. morgado!...

—Quem manda?

—O rev. Padre Correia.

—Dá cá... disse laconicamente o fidalgo; e rasgando o envelope, passou rapido olhar sobre algumas linhas escriptas n'um pequeno cartão.

—Irei, ajuntou como que respondendo a qualquer pergunta.

—V. ex.^a dá algumas ordens? ou sou perguntar o creado.

—Não, podes sair.

O creado retirou-se, fechando após si a porta, e o fidalgo continuou com o seu habitual sorriso:

—O abbade, o nosso bom parochó,

pede-me, n'este bilhete, para ir hoje passar a noite ao presbyterio, onde se reunirão alguns amigos, afim de se tratar de necessidades que urge prever, para a realisação da festa...

—Que esperamos será festa com todo o apparatus possível, accrescentou uma das irmãs, concluindo assim a ideia do fidalgo.

—Assim o esperamos, disse o senhor de Carvalhaes; e beijando a filha e saudando as irmãs, saiu com a mesma affabilidade com que entrára.

(Continua.)

J. P. MINEIRO.

As lagrimas

Ao meu particular amigo Antonio F. Pombo

FOI o illustre chimico de reputação europeia, D. Laureano Calderon, quem applicou valentemente os reactivos ás lagrimas. Na sua mente de sabio, avida de explorações e descobertas, surgiu a ideia de investigar esse mundo desconhecido que se chama uma lagrima. O que é uma lagrima? O mesmo que um suspiro, que um sorriso, um beijo, uma alegria ou um pezar que não cabe no coração e se escapa volatilizando-se pelos olhos.

A sciencia contemporanea fez muito tarde a analyse da lagrima. Chorando nasce o homem, chorando saiu Adão do Paraizo, e continuo pranto é a vida. O choro appareceu na historia dos tempos com a humanidade. Entre as nossas catholicas crenças se encontra a sua divinisação. Jesus quiz ser homem e chorar; nós o imaginamos soffrendo o seu cruento supplicio, com os olhos raios de lagrimas. A Virgem tambem chora com o sublime pranto de mãe que vê morrer seu filho sacrificado; desde então para nós outros, o pranto é sagrado. O pranto tem sido respeitado sempre por todos os povos em suas luctas; perante as lagrimas se detêm espadas.

Porém a philosophia encontra na sua frente um problema que se não é insolúvel, o parece, ou pelo menos continua ignorado e envolto em mysterio.

E' axiomatico que o pranto nasce da dôr; chora se pelos que padecem, pelos que morrem, choram-se as desditas alheias e as proprias; ahí estão as mães e as esposas e namoradas, que desfallecem muitas vezes, á força de tanto chorar. Mas se assim é, porque se chora de prazer? porque subitamente as lagrimas que brotam da maior afflicção, se uma boa nova as surprehende em seu caminho se convertem em lagrimas de jubilo e regosijo? Sendo tão contrarias a dita e a desgraça, como proce-

dentes de causas contrapostas, porque tem ambas um meio commum de manifestar-se? Quicá se differença em alguma coisa o pranto da felicidade do pranto da desventura?

O sapientissimo chimico já citado estudou a lagrima, e talvez lhe encontrasse diversos componentes, mas essa lagrima é material, e a lagrima, como o ser humano, possui corpo e alma. O corpo deixou deser um mysterio e a alma continua desconhecida para o philosopho e continuará emquanto o sentimento não saiba porque se chora de alegria e tambem de dôr.

FLAVIO MARTINS.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

QREV.^{mo} snr. Padre Roberto Maciel, um novo que, por meritos proprios e constantes trabalhos, occupa logar proeminente no movimento catholico, ao qual tem prestado relevantissimos serviços, acaba de publicar um folheto com o titulo: — *O dever dos catholicos no exercicio do direito de suffragio.*

Opportuno a não mais, este folheto pode e deve ser o *vade mscum* do bom christão e do bom cidadão em materia eleitoral, porque, como muito bem diz o seu illustrado auctor, o exercicio do direito de suffragio é, sem duvida, o mais importante de todos os deveres da vida social.

N'este folheto o rev.^{mo} Padre Roberto Maciel prova á evidencia que não é indifferente o exercicio do direito de suffragio, porque é indiscutivel que todo o eleitor é responsavel pelos actos do seu deputado, se pôde prevel-os; pelo que tem rigorosa obrigação de se esclarecer previamente, e nunca dar o seu voto sem haver tomado antes as informações precisas ácerca das ideias e sentimentos do deputado proposto.

Sobre a abstenção diz o illustrado auctor que, quando o bem geral e o esforço commum reclamam o nosso auxilio, é procedimento indigno, e só digno do homem que desconhece as suas obrigações ou é pouco cuidadoso em cumpril-as.

O folheto traz duas cartas dos rev.^{mos} snrs. dr. Padre Cunha Guimarães e Monsenhor Mariz apoiando a doutrina expandida pelo rev.^{mo} snr. Padre Roberto Maciel.

Cada folheto custa 40 reis; um cento para propaganda, 1\$200 reis.

Creemos que o snr. Padre Roberto Maciel prestou um bom serviço com o seu folheto. Recommendamos a sua leitura.

*

Está publicada em livro a *Historia de S. Francisco d'Assis*, de Daurignac, traducção de M. Fonseca. O seu preço é de 600 reis. Todo o producto da venda d'esta obra será applicado ás obras da capella de Nossa Senhora dos Aujos, que se anda construindo na rua dos Bragas, d'esta cidade do Porto, e que pertence á Ordem Terceira de S. Francisco d'Assis, de que é director o rev.^{mo} snr. Padre José Pinto de Moura. Quem, pois, adquirir esta obra, além de ficar possuindo uma das mais bem escriptas vidas do Seraphim d'Assis, faz uma boa esmola, porque contribue para a erecção d'um templo consagrado á Rainha dos Anjos e ao Seraphico Patriarcha.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Ahias e Jeroboão

(Vid. pag. 87)

UM dia Jeroboão sahia de Jerusalem e encontrou no camiho o propheta Ahias, de Silo, da tribu d'Ephraim, que ia com uma capa nova. Estavam sós no campo e Ahias pegou na capa e cortou-a em doze pedaços: «Toma lá dez para ti, disse elle a Jeroboão, porque eis o que o Senhor declarou: «Eu dividirei o reino que agora está nas mãos de Salomão, e dar-te-ei a ti dez tribus, porque elle não tem caminhado pelas minhas veredas e prostituiu as suas adorações a Astarte, deusa dos Sidonios, a Chamos, deus de Moab, e a Moloch, deus dos filhos d'Ammon.

«Reservarei uma tribu para seu filho, para que fique sempre a meu servo David uma lampada que arda diante de mim na cidade de Jerusalem que eu escolhi para n'ella ser honrado o meu nome. Pelo que te toca, eu lançarei mão de ti, e te farei reinar em Israel. Se déres ouvidos a todos os meus preceitos, se andares pelos meus caminhos e fizeres o que é justo e recto a meus olhos, seguindo o exemplo de meu servo David, eu farei a tua casa estavel e fiel como a d'elle e dar-te-ei posse de todo o Israel.»

Tendo Salomão conhecimento dos projectos de Jeroboão tratou de o mandar matar. Mas elle fugiu para o Egypto, onde então reinava Sesac, primeiro principe egypcio que a Escripura designa pelo nome generico de Pharaó. Alli esteve até Salomão morrer, o que aconteceu pouco depois. Segundo a Escripura, este principe morreu no quadragesimo anno do seu reinado com cincoenta annos d'idade. Josepho assevera que elle reinou oitenta annos e supõe que viveu noventa e quatro;

mas a sua opinião é pouco provavel, visto Deus não ter promettido vida prolongada ao filho de David senão com a condição de que havia de ser fiel á sua lei.

*
*

S. Vicente de Colibre, martyr

(Vid. pag. 91)

Segundo diz o Padre João Croiset, no começo do imperio de Diocleciano era de algum modo respeitado o glorioso nome christão, não tanto pelo motivo de serem seus sequazes discipulos de Jesus Christo, quanto porque muito respeitavam as auctoridades constituidas. D'aqui a causa principal porque o mesmo Diocleciano, que ao depois tão feroz perseguidor dos christãos se mostrou, lhes outhorgou ao principio a distincção do respeito. A maior parte dos historiadores affirmam que nos dezoito primeiros annos do imperio de Diocleciano foram os christãos considerados em grande estima, e tanto que o cargo de mordomo mór do palacio era desempenhado pelo virtuoso Dorotheo, que professava a fé do Mestre Divino. Diocleciano occultava um designio particular na protecção que dispensava aos christãos. Cantino com o apoio dos soldados christãos occupava a França, e Diocleciano necessitava do seu apoio para pelejar contra os persas, de quem por fim triumphou. Logo depois de haver conseguido esse intento, deu redeia solta ao odio concentrado que nutria contra os christãos, entrando a perseguil-os encarnicadamente, e demittindo a todos os que occupavam empregos no palacio ou dependencias da sua administração.

Todas as provincias do imperio sentiram a horrorosa tempestade dos perseguidores, Diocleciano e Maximiano, e entre ellas particularmente a sentiu a Hespanha. Nas immedições de Perpignan, em uma povoação chamada Colibre, vivia um christão perfeito, adornado de todas as virtudes, que é capaz de engendrar a santa religião que professamos: este zelosissimo discipulo de Jesus Christo chamava-se Vicente.

O presidente geral de Hespanha, Daciano, chegou a essa povoação, onde domiciliava o virtuoso Vicente que em continente lhe foi apresentado. Procurou, mas inutilmente, fazer com que Vicente abjuicasse a fé christã que professava. Persuadido de que era insubornavel tanta firmeza, mandou-o atormentar cruelissimamente, concluindo pelo mandar degolar, por cujo meio alcançou o nosso santo a palma victoriosa dos martyres de Jesus Christo.

Ambrosio de Moraes, o Padre Domenech, Adon, Baronio e outros varios escriptores fallam do martyrio do nosso santo, commemorando unanimemente a fortaleza e santidade de que deu provas nos tormentos, bemdizendo a Nosso Senhor Jesus Christo, e cantando hymnos de louvor durante os tormentos que lhe faziam soffrer. Tal foi a vida do glorioso S. Vicente, que não contente com ter vivido uma vida cheia de merecimentos e virtudes, sellou com seu generoso sangue as sublimes verdades do Santo Evangelho.

O Senhor, que premeia os seus escolhidos, adornou-lhe a fronte com o diadema immortal de seus martyres.

O triumpho de S. Vicente teve lugar no dia 19 d'abril do anno do Senhor, 303.

SECÇÃO NECROLOGICA



Falleceu no dia 16 de março, em Fiaes, a snr.^a D. Thereza Martins, estremosa mãe do nosso assignante, snr. Antonio d'Andrade.

Tinham-lhe augmentado os seus já em tres annos grandes padecimentos, soffridos resignadamente, em 27 de fevereiro; mas não queria *despachar* a morte: preparava-se para ella.

Recebeu o Sagrado Viatico a 8, e a Extrema-Unção a 11 do corrente. Não obstante parecer bem disposta, e ser associada do Apostolado da Oração e Liga do Sagrado Coração Jesus, do Rosario Vivo, e da Guarda d'Honra; da Immaculada Conceição, da Senhora do Carmo, do Santissimo Coração de Maria, do SS. Rosario, da Congregação Universal da Santa Casa do Loreto; da Archiconfraria de S. José, das Almas, e da Associação d'Orações e boas obras pela conversão dos pretos, e invocar, talvez mais de mil vezes em cada um dos seus ultimos dias, (quasi continuamente em quanto as forças lh'o permitiam, perceptivelmente), a Jesus, por seu Santissimo Nome, e ter ajudado seu filho na promoção d'uma santa e fructuosa missão, alli realisada, de 22 de fevereiro a 1 de março de 1895, não obstante as grandes difficuldades que havia; e dizer o Senhor que o que guardar e ensinar a guardar os seus mandamentos será grande nos Céos, (S. Math. 5) comtudo, como nem «os agentes e em-

pregados da empreza (do Paraiso) teem abatimento de preço», e David diz: «Se observares, Senhor, as nossas iniquidades, quem poderá, Senhor, subsistir na tua presença?», pedimos aos nossos leitores as orações pela finada senhora.

A' familia dorida sinceros pezames.

RETROSPECTO

«Voz da Verdade»

Entrou no quarto anno da sua publicação este conceituado collega, órgão do Arcebispado de Braga, que tem prestado immensos serviços á causa da Religião no curto periodo da sua existencia.

Felicitando o nosso collega pelo seu anniversario, appetecemos-lhe longa e prospera vida.

Director diocesano do Apostolado da Oração na archidiocese de Braga

O reverendo Prelado de Braga, mandou publicar na *Voz da Verdade* o seguinte documento:

Dom Antonio José de Freitas Honorato, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, etc.

Fazemos saber que, com quanto pelos novos estatutos do Apostolado da Oração, approvados ultimamente pela Santa Sé, se hajam supprimido as direcções centraes, continua todavia a competir aos respectivos Ordinarios a designação dos directores diocesanos, e desejando Nós muito que esta Pia União, que ainda no anno findo mereceu justos encomios de todo o episcopado portuguez, prospere cada dia mais em Nossa Archidiocese para gloria do Sagrado Coração de Jesus e Salvação das almas;

Havemos por bem delegar no rev. Padre Bento José Rodrigues, ex-director central do Apostolado, como em pessoa muito competente, toda a gerencia dos negocios do Apostolado em Nossa Archidiocese, continuando o dito rev. ecclesiastico a entender-se comnosco sobre nomeações de directores diocesanos, e de accordo com elles e com os locaes, promover, como até aqui, os interesses do Divino Coração de Jesus, segundo os novos estatutos enviados da Santa Sé, para o que lhe concedemos a Nossa plena auctorisação.

Paço Archiepiscopal de Braga, 30 de Março de 1897.

Antonio, Arcebispo Primaz.

Cunha Guimarães—Secretario.

• Cardeal Lavigerie

A 15 de fevereiro de 1886 chegou a Napoles, de passagem para Roma, o Cardeal Lavigerie, que na estação se mettu n'um trem aberto, emquanto o seu creado despachava a bagagem; mas apesar de não trazer nenhuma insignia cardinalicia e de ir com habitos negros, a sua veneravel figura, com a sua comprida barba branca, chamou a attenção dos rapazes e dos curiosos que alli estavam, os quaes não se demoraram em rodear o coche. O Cardeal, com a bondade que o caracterisava, principiou a fallar familiarmente com elles, quando um dos circumstantes exclamou: «E' o Cardeal da Africa; conheci-o em Tunis.»

—Viva o grande Cardeal! exclamaram todos.

—Mas que fará em Carthago esse veneravel ancião?—perguntou um.

—Tendes razão,—respondeu o Cardeal em italiano:—eu vou explicar-me. Ha na Igreja Cardeaes de differentes categorias; os mais perfeitos, os de primeira classe, os que valem mais que os outros, são os que o Papa nomeia Arcebispos de Napoles.

—E' verdade! é verdade!—gritaram todos, e o nome de Sanfelice, Cardeal-Arcebispo de Napoles, correu de bocca em bocca para fazer d'elle os maiores elogios.

—Pois bem,—continuou Lavigerie —depois dos excellentes, como o que está em Napoles, ha os bons, que são muitos, e a quem o Papa detem em Roma para serem seus conselheiros e ajudarem-lhe a governar a Igreja. E, por ultimo, ha alguns que valem menos do que estes, e por isso o Papa os envia para a Africa para que elles se corrijam.

—Coitado! —dizem muitos dos circumstantes e lhe perguntam o tempo que tem estado de castigo, e quanto lhe falta para terminar o seu desterro. Outros admiram a sua resignação, e pedem-lhe para lhes contar alguma coisa d'aquelle longinquo paiz. O Cardeal, accedendo bondosamente, encanta a multidão com as suas informações, até que a chegada do creado com a bagagem põe fim áquella extranha e admiravel scena, partindo o Cardeal para o hotel, no meio das acclamações do povo.

Uma martyr

Na ilha de Cuba os insurrectos degolaram uma Irmã da Caridade que estava n'um hospital de sangue a cuidar dos feridos.

Deus terá recompensado largamente o heroismo d'esta martyr da caridade, tão iniquamente morta pelos barbaros da insurreição.

Razão da abstinencia e do jejum

Porque come peixe?—dizia em uma mesa redonda um official de dragões a um sacerdote.

—Satisfarei a sua curiosidade quando me disser a razão porque o snr. usa as calças encarnadas.

—Porque assim o manda a ordenança.

—Pois porque assim manda a Igreja como eu p'ixe.

—Acaso a carne não é tão boa nos dias de jejum como nos demais dias?

—Deve ser, mas agora pergunto eu: porque põe o snr. ás vezes um soldado no calabouço a pão e agua?

—Isso é um castigo.

—Pois para castigar os nossos maus instinctos, a Igreja manda-nos privar da carne.

—Seja, disse o militar; mas não me poderá negar que custa muito jejuar.

—E' possível, mas também é custoso usar o chapeu de aço que o snr. usa.

—Sim, mas este defende-nos a cabeça dos golpes do inimigo.

—Concordo: o mesmo succede com o jejum, que nos preserva de nossos inimigos mortaes: o demonio e a carne.

Signal em que se reconhece a casa d'um christão

Um officio, uma profissão, reconhecem-se, diz o Padre Milleriat, pelos instrumentos que usam os trabalhadores. Entraes n'uma officina; vêdes martellos, serras e plainas e dizeis: aqui é uma carpinteria; vêdes barras de ferro ardente ao fogão e outras incendidas onde se dão constantes martelladas e dizeis: alli é uma serralheria. E' necessario que os christãos também mostrem a sua santa profissão, que se encontre em suas casas um objecto que lhes seja peculiar. Entro em uma casa e pergunto: «Onde estou?» Se vejo um crucifixo, uma sagrada imagem, um livro piedoso, digo, ainda que esteja muito longe da minha patria: «Estou bem acompanhado, é a casa d'um christão».

Dom Bosco e a imprensa impia

O immortal Dom Bosco, fallando da imprensa sectaria, esse cancro da sociedade que perde a alma e corrompe o corpo, disse: «Um jornal mau n'uma casa, é uma fonte da qual brota continuamente veneno.»

Meio de conhecer bem a Deus

Não ha meio mais efficaz de elevar o espirito do homem, que o estudo do Catecismo e o conhecimento da religião. Nada fortifica e ennobrece tanto o coração humano como elle.

O Catecismo é uma instrucção breve mas preciosa, em que se analysa miu-

damente a doutrina em perguntas e respostas para as pôr ao alcance de todos, ainda dos mais ignorantes. Não ha um livro, depois da Sagrada Escripura, mais interessante entre todos os livros, nem mais util aos homens. Elle contem a reunião de verdades pelas quaes se conhece a Deus e o culto que lhe convém. E a vida eterna não consiste em conhecer a Deus, e em conhecer o seu divino Filho Jesus Christo?

Nova moeda

Até agora a Abyssinia não tinha outra moeda que o thaler de Maria The-reza, peça de prata, cujo valor é de 6 francos approximadamente.

Ménélik resolveu fazer cunhar com a sua effigie uma nova moeda em substituição do antigo thaler.

Os modelos, confiados a peritos gravadores, acabam de ser approvados por Ménélik. N'uma das faces da moeda vê-se a effigie do soberano, tendo na cabeça a tiara, rematada pela cruz grega e a seguinte legenda:—*João Ménélik II, rei dos reis da Ethiopia*; e a data.

Na outra face está gravado o Leão, vencedor, da tribu de Judá (é um leão sustentando uma cruz) e em volta da moeda lê-se o seguinte: *A Ethiop'ia não estende a mão senão a Deus.*

Ceremonia historica em Ceuta

Na manhã de quinta-feira, 4 de março, realisou-se na cathedral de Ceuta a cerimonia da entrega do chamado bastão da Virgem, ao novo governador militar d'aquella praça o general Leão Barreda.

A origem d'este acto vem do tempo da reconquista da praça por D. João I, de Portugal. Conta a tradição, que achando-se o rei portuguez receioso ácerca do futuro d'aquella conquista, pelas difficuldades que haviam de surgir para a conservar, dado o character desordeiro das kabilas que a rodeiam e a distancia que a separava de Lisboa, apresentou-se o cavalleiro D. João Menezes, e mostrando-lhe uma vara que então se usava para jogar o arco, disse-lhe que com esta arma se comprometia a conservar aquelle territorio, e que podia voltar tranquillo para a côrte. D. João investindo o então do cargo de capitão general d'aquella praça, entregou-lhe a vara alludida que antes tinha sido depositada nas suas mãos.

A cerimonia consiste em ser o governador recebido á porta da igreja cathedral pela auctoridade ecclesiastica, que, vestido de gala, pronuncia um discurso em que recorda a origem do rito, e os auxilios prestados pela Virgem, entrega-lhe o bastão, discurso que é respondido pelo general, com outro em

que promette defender a cidade e manter a fidelidade aos seus reis. Depois entra a comitiva na igreja, ora breves momentos e dirige-se ao templo em que se venera a imagem da Virgem d'Africa, collocando o governador em suas mãos o symbolico bastão, considerando-se desde aquelle momento que ficou tomada a posse do seu cargo.

O menino Jesus de Praga

Tendo o imperador Fernando II fundado um convento de Carmelitas descalços em Praga, a princeza Polysena de Sebkesvitz brindou os religiosos com uma preciosa figura em cêra do Menino Jesus, que desde então foi objecto da veneração dos filhos de Santa The-reza.

No saque de Praga feito pelos lutheranos em 1631, a imagem, depois de mutilada, foi lançada a um canto, onde os Padres Carmelitas a encontraram intacta quando regressaram ao convento.

No dia 14 de janeiro de 1651, foi prestado pela primeira vez culto publico a esta imagem, cujo rosto se viu mudar de aspecto, mostrando-se algumas vezes sombrio, severo e irritado, e outras amavel, meigo e sorridente.

Numerosos factos teem demonstrado que em todas as partes em que se honra o Menino Jesus de Praga, ainda que seja na reproducção da milagrosa imagem, se faz sentir a influencia da sua graça e o poder da sua protecção.

Rogae a Deus pelos desesperados

A Madre Magdalena, uma das primeiras religiosas da Ordem da Visitação, conta o seguinte facto:

«Um dia que a Irmã Maria Dionysio de Martignat rezava, depois de ter commungado, pelos fieis defunctos, foi transportada em espirito ao Purgatorio, onde viu um principe que ha poucos dias tinha sido morto n'um duello.

«Não me commoveram tanto — dizia ella á Madre Superiora — os soffrimentos d'aquella alma, como a ideia do feliz momento da graça a que devia a sua salvação, posto que, merecendo o inferno pela acção que praticou e pagou com a morte, mas á participação que teve das orações que as boas almas elevam ao céu pelos desesperados é que elle deve a graça de dispôr d'um momento para fazer um acto de contricção perfeito e salvar-se.»

Como desesperar da nossa salvação depois de tão consoladoras palavras, que demonstram a bondade infinita de Deus? E como não formar o proposito de rogar também a Deus por aquelles que nos pareçam não se terem salvado?

Annunciador original

O *Daily Chronicle* informa os seus leitores d'um extranho caso que se repete ha alguns dias nas ruas de Londres.

Segundo parece, um individuo mal vestido e cobrindo a sua nudez com dois grandes cartazes collocados no peito e nas espaduas, atravessa pausadamente as principaes ruas da capital.

Em ambos os cartazes lê-se a seguinte inscripção: «Fome na India; 287:000 libras sterlinas é o importe de subscripção a favor dos indianos. Fome em minha casa, importe da subscripção, nada. Esta desigualdade é irritante!»

O original individuo recolhe, por esse meio, abundantissima collecta.

Os cartuxos e a abstinencia de carne

E' sabido que os cartuxos nunca comem carne nem mesmo em caso de grave enfermidade.

Quando a Santa Sé se achava em Avinhão, o Papa auctorisou o Prior da Ordem da Cartuxa de Paris para que permittisse comer carne aos seus cenobitas em caso de enfermidade, causando esta licença tal contrariedade entre os monjes, que resolveram enviar uma commissão ao Papa a rogar-lhe que não alterasse na sua regra um preccito tão antigo.

A commissão era formada de vinte e nove religiosos, o mais novo dos quaes contava oitenta annos, havendo alguns de noventa e cinco. Quando o Pontifice viu aquelles anciãos tão fortes e tão ageis, não insistiu mais no seu proposito e consentiu em deixal-os continuar na sua vida de abstinencia e mortificação.

Sem respeitos humanos

Um operario serralheiro mechanico, estava a trabalhar com afan na sua officina, quando, por descuido, deixou cabir do seu peito uma medalha da Virgem Santissima.

Dois companheiros apanharam-n'a e perguntaram ironicamente, em voz alta:

—De quem é isto?

—E' meu—replicou o operario.

—Como! tu usas d'estas coisas?!

—Sim, e nunca me separarei d'ella.

Esta firmeza de caracter foi-lhes sympathica, e desde então o catholico operario era bemquisto de todos os seus companheiros.

Contra a calvicie

O dr. Sahouraud, chefe do laboratorio da faculdade de medicina do hospital de S. Luiz, em Paris, descobriu o microbio da calvicie, e n'este descobrimento é muito possivel que se chegue

a debellar aquella doença e que n'uma epocha muito proxima não haja mais calvos do que os actuaes.

A salada de Sixto V

O medico do Papa Sixto V foi chamado para assistir a um enfermo, que, ao explicar-lhe a sua enfermidade physica, lhe deu a conhecer os seus soffrimentos moraes; depois de celebre advogado que foi, quando o Soberano Pontifice era ainda simples religioso, por revezes da fortuna achava-se então na maior indigencia. O medico, homem de bons sentimentos, aproveitou a primeira oportunidade que teve para fallar ao Papa da triste situação do seu antigo amigo. No dia seguinte Sixto V, a quem não parecia ter produzido muito effeito a narrativa do doutor, perguntou a este pelo enfermo e qual o remedio que lhe havia receitado.

—Umaz pilulas reconstituintes—replicou o medico.

—Pois eu—disse o Papa—enviei-lhe uma reconstituente vegetal, uma salada dos jardins do Vaticano, que estou certo lhe ha de fazer muito bem.

—Salada!—exclamou o doutor; se o pobre advogado se cura, certamente é um milagre de Vossa Santidade!

Sixto V sorriu-se e disse-lhe: Vá vêr o enfermo e diga-lhe que de hoje em diante eu serei o seu medico; é um cliente de menos para o snr., mas isto pouco lhe deve importar, visto a sua precaria situação.

Dirigiu-se o doutor a casa do advogado, a quem encontrou radiante de alegria e fóra da cama.

—Onde está a salada que lhe enviou o Papa?

—Está alli n'aquelle cestinho que me trouxe hontem o jardineiro do Vaticano; mas advirto-o que o especifico está no fundo.

O medico encontrou no cesto um pacote com trezentos escudos.

—Meu amigo, felicito-o; Hyppocrates não conheceu essa especie de medicamento.

E como o caso se divulgasse pela cidade, a salada de Sixto V passou a proverbio em Roma, onde se diz, quando algum necessita de auxilio para sahir de apuros: *Fal a-lhe um pouco da salada de Sixto V.*

O melhor meio para a saude

Um sabio medico disse um dia que o melhor meio para conservar a saude era o que Deus tinha dado ao nosso primeiro pae, Adão, dizendo-lhe: «Comerás o pão com o suor de teu rosto.» Isto mesmo é tambem uma excellente regra de virtude. O trabalho robustece o corpo e ao mesmo tempo robustece o espirito contra o proprio inimigo domestico ou as más paixões.

A cadeira de S. Pedro occupada por homens de obscura origem

Muitos pobres chegaram por sua virtude e sabedoria até o supremo Pontificado da Egreja.

S. Pedro, o primeiro Papa, foi um pobre peccador de Tiberiades.

S. Dionisio, de humilde linhagem. João XVIII, de mui baixa condição.

Damaso II, o mesmo que o anterior.

Adriano IV, filho de um mendigo.

Urbano IV, que instituiu a festividade de «Corpus Christi», filho de um sapateiro remendão.

Nicolau IV, que foi geral dos franciscanos, filho de familia humilde.

O beato Bento IX, religioso dominicano, teve por mãe uma lavadeira, a qual um dia não recebeu por se lhe apresentar luxuosamente vestida, e é o fez quando a viu com o traje humilde da sua classe e condição.

João XXII, filho d'um adolo.

Bento XII, filho d'um moleiro.

Bonifacio XI, de familia muito pobre, transportou-se para Roma e chegou a ser Papa.

Alexandre V, de tão obscura linhagem, que não conhecia seus paes, e só sabia que na sua infancia se mantinha pedindo esmola.

Nicolau V, filho d'uma mulher que vendia gallinhas.

Sixto IV, filho d'um pescador e elle tambem exerceu a mesma profissão nos seus primeiros annos, até que aceitou o habito de franciscano.

Adriano VI, pastor de ovelhas antes de entrar para a Ordem de S. Domingos.

Pio VI, filho d'um jornaleiro, foi guardador de porcos até que aceitou o habito de franciscano.

E Adriano VI, filho d'um carpinteiro.

A correspondencia de Miguel Angelo

Em Florença vão-se publicar as cartas dirigidas a Miguel Angelo, cujos originaes se conservam na Bibliotheca Laurenciana. Estas cartas passam de seiscentas, e muitas d'ellas são interessantissimas para a historia da arte. Ha nas mesmas instrucções de Clemente VII referentes á fachada da sacristia de S. Lourenço.

Algumas, até hoje ignoradas, referem-se ao monumento de Julio II, que o artista chamava «a tragedia da sua vida.»

Figuram tambem n'esta correspondencia cartas de Francisco I, de Catharina de Medicis, e dos duques de Urbino e de Ferrara. A correspondencia familiar e intima do grande esculptor esclarecem varios episodios da sua vida, especialmente sobre a sua rivalidade com Raphael.